

documentos periódicos de construção

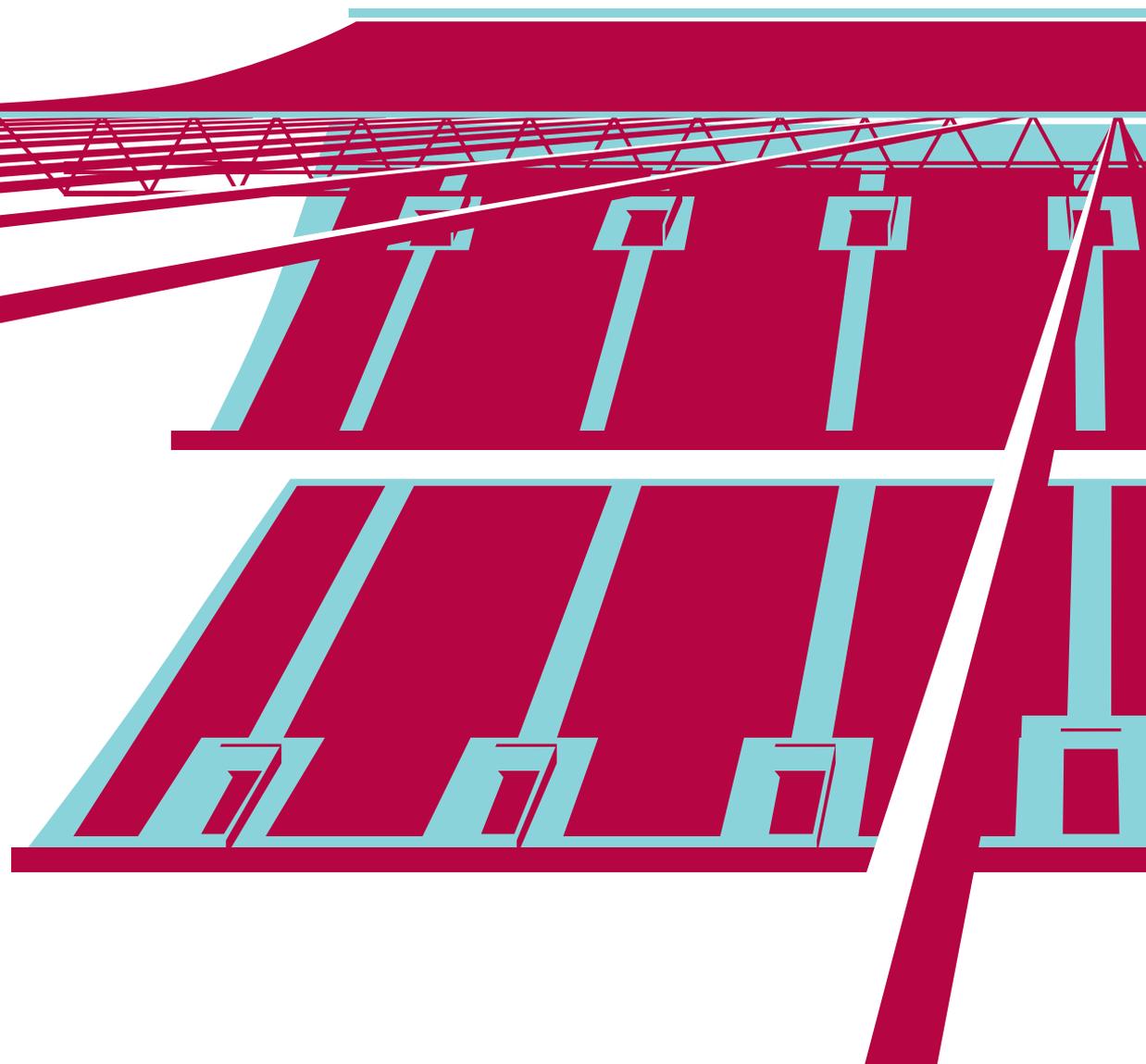
frente&verso

ISSN 2182-8237

estádio
Estádio de Braga
Eduardo Souto Moura

44

CIAMH
CENTRO DE INOVAÇÃO
ARQUITECTURA
E MODOS DE HABITAR





editorial Carlos Nuno Lacerda Lopes

Betão... Entre o artificial e o natural, entre Arquitetura e Natureza

Para Souto Moura há um gosto especial em trabalhar em duplo registo. Diz sentir prazer no confronto que o ato de construir oferece quando se debruça sobre os opostos, quando através do lugar, da paisagem, do material, do desenho, da escolha, da decisão e da comparação é possível fundir entidades diferentes. Assim é quando o artificial se funde no natural, quando o granito dá lugar ao betão, quando a forma se equilibra e a Arquitetura dá, novamente, lugar à Natureza.

São opostos que se complementam num equilíbrio que se quer perfeito de modo a que, no final – e tal como diz – a Natureza se assuma, como “silêncio de formas perenes”.

O Estádio do Braga é nesta matéria a mais pura expressão desta motivação que Eduardo Souto Moura vem imprimindo às obras que vem construindo, onde a fusão entre matéria e material, entre natural e artificial, entre sombra e luz, entre vertical e horizontal, entre figurativo e abstrato, entre topografia e paisagem, entre aberto e fechado está sempre presente e em qualquer parte da obra que se visite. São inúmeras as referências, longínquas por vezes, como as de Machu Pichu que refere como memória de uma viagem ao Peru, às bancadas de Epidauro que a Grécia antiga sempre nos lembra, até a autores, arquitetos contemporâneos ou mestres de uma modernidade perene que esta obra também evoca, citando, algumas vezes.

É uma arquitetura assente nas leis da construção, decorre dela, explica-se assim e constrói-se com base nos procedimentos e regras que os sistemas

construtivos, os materiais, as suas características, físicas e químicas possibilitam. A estrutura dá a forma a esta sua arquitetura singular, tal como é singular o lugar que a recebe e o material que a define - o betão. É precisamente este material, tão díspar e tão utilizado para tantas e diversificadas obras com léxicos, linguagens e expressões tão distintas que ESM utiliza para fazer coincidir a sua forma com a sua construção, a matéria com a sua ideia de Arquitetura.

O betão que ESM utiliza é, mais que o material, uma continuidade do pensamento construtivo que o projeto solicita e a obra naturalmente demonstra. Por isso a sua diferenciação e singularidade desta obra verdadeiramente arquitetónica ou seja implicada e resultante do conhecimento da Construção, tal como definiu Rafael Moneo em “The solicitude of buildings”:

“Muitos arquitetos hoje inventam processos ou dominam técnicas de desenho sem preocupação alguma sobre a realidade do edifício. A tirania dos desenhos é evidente em muitos edifícios quando o construtor procura seguir o desenho literalmente. (...) No entanto, um desenho verdadeiramente arquitetónico deve implicar, sobretudo, o conhecimento da construção.”

Para ESM projetar só faz sentido com o construir, é o mesmo, poder-se-ia afirmar. Melhor disse Alberto Carneiro, “o artificial é o natural no homem.”



da obra Carlos Nuno Lacerda Lopes

Aqui em Braga? - Somos muitos!

Visitar o Estádio do Braga é uma experiência que devemos realizar independentemente do interesse ou não pela arquitetura ou pelos aspetos da engenharia e da sua capacidade de execução, assunção e de supressão. São naturalmente vários os interesses possíveis que possam justificar uma visita a esta obra tão excecional quanto surpreendente.

Excecional no que se refere à particularidade da proposta e da certeza de não encontramos facilmente algo com esta majestática vontade de superação e de transformação de um lugar em espaço de referência e de atração. Surpreendente na medida em que são várias as inovações trabalhadas e são distintos os processos de resolução associados.

Diríamos que nesta obra existem vários autores. São diversos os heterónimos que Eduardo Souto Moura aqui nos revela e daí a surpresa expressa na constante vontade de se anular convocando para a colação diferentes vozes, diferentes autores, diferentes sensibilidades, diferentes técnicas, diferentes modelos de construção aplicados através de um distinto betão, aparentemente o mesmo, só aparentemente o mesmo... como se de um Cage ou um samba de uma nota só, se tratasse.

Para um arquiteto, importa visitar esta obra como lição. Nessa medida importa estar atento aos detalhes, à materialização de uma ideia, compreendendo a sua forma e a sua reforma, a capacidade de se manter e o sentido de argumentação que as paredes, os pilares, a tectónica oferece quanto ao espaço que invadimos. Poder-se-á analisar esta obra tendo em conta um olhar genológico em vez de social, compreendendo o fenómeno da arqui-

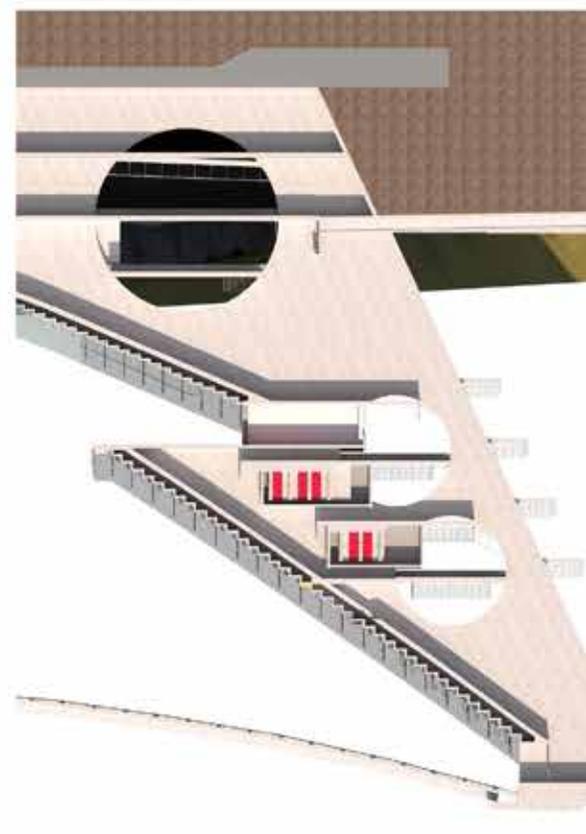
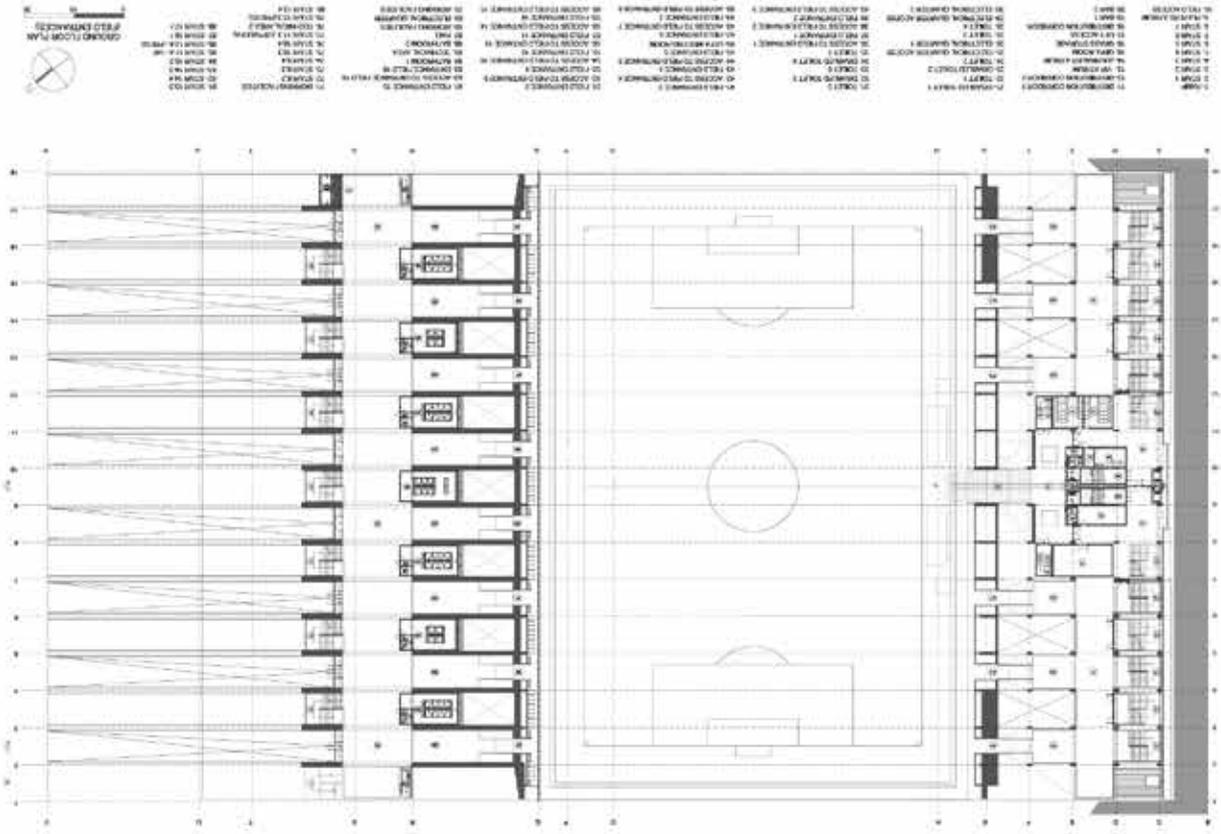
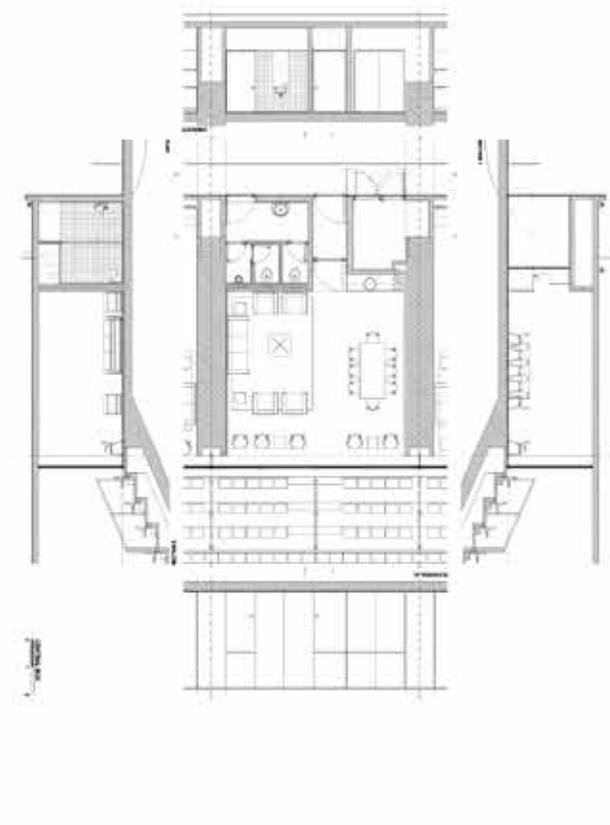
tetura como algo essencial e por isso fora de um tempo preciso, fora de uma necessidade evidente e estudado como um objeto universal - para além do Tempo.

É isto que Eduardo Souto Moura nos oferece nesta obra que é um estádio, ou outra coisa qualquer. É sobretudo uma entidade formal e espacial onde a história da arquitetura se inscreve de uma só vez.

Por isso nos lembra a Acrópole de Atenas, por isso nos recorda o Coliseu de Roma, aqui encontramos a luz parda e fria de um teimoso Românico do Minho. Compreende-se o gótico vertiginoso que Portugal não promoveu, aqui transformado em pertinente perturbação. Num corredor vemos Louis Kahn, num pilar encontramos Siza, na parede assistimos a uma aula de Le Corbusier e no fundo, entre a luz ténue de uma escarpa por acabar, encontramos Mies a recordar-se do tempo em que a sua arquitetura falava alemão.

Mas também cruzamos outros personagens, outras falácias, outras vicissitudes que a arquitetura também integra. Falamos com Paul Celan, de encontros e desencontros, de Thomas Bernhard e da necessidade de um artista representar sempre contra o público, contra os clássicos, ou mesmo "contra os direitos-humanos", e também Heidegger, e Eduardo Lourenço..., mas é mais acima onde nos sentamos com Gordon Matta-Clark que nos fala do seu mais recente *splitting* da fachada.

É uma multidão que habita e apoia este edifício e daí esta ideia de não autoria que Eduardo Souto Moura defende e apresenta como fim para a Arquitetura; anónima mas perene, incógnita mas com identidade, sem função mas com tempo e desenhada sobretudo para o Tempo.



Aqui em Braga? - Somos muitos!

Visitar o Estádio de Braga é uma experiência que devemos realizar independentemente do momento ou não pela arquitetura ou pelos aspectos da engenharia e da sua capacidade de execução, assunção e de sucesso.

São naturalmente várias as interessantes questões que possam justificar uma visita a esta obra tão especial quanto surpreendente.

Exceção no que se refere à particularidade da proposta e da certeza de não encontrarmos facilmente algo com esta magnitude voltado de superação e de transformação de um lugar em espelho de referência e de atração. Superando no modo em que são vividas as inovações trabalhadas e são detentores os processos de construção associados.

Diferentes que nestas obras existem vários autores. São diversos os heterónimos que Eduardo Souto Moura seja nos níveis e daí a sua presença na constante vontade de se analisar concebendo para a criação de novos valores, diferentes autores, diferentes sensibilidades, diferentes técnicas, diferentes materiais são construídos aplicados através de um diálogo betão, aparentemente o mesmo, só aparentemente o mesmo... como se de um Círculo ou um semicírculo de uma nota só se tratasse.

Para um arquiteto, importa ver esta obra como lugar. Nessa medida importa estar atento aos detalhes, à materialização de uma ideia, compreendendo a sua forma e a sua intenção, a capacidade de se manter e o sentido de argumentação que as paredes, os pilares, a fachada oferecem quanto ao espaço que invadimos. Poder-se-á analisar esta

obra tendo em conta um olhar genealógico em vez de social, compreendendo o fenómeno da arquitetura como algo essencial e por isso fora de um tempo preciso, fora de uma necessidade evidente e estudado como um objeto universal - para além do tempo.

É isto que Eduardo Souto Moura nos oferece nesta obra que é um estádio, ou outra coisa qualquer. É sobretudo uma entidade formal e espacial onde a história da arquitetura se insere de uma só vez. Por isso nos lembra a Acrópole de Atenas, por isso nos recorda o Coliseu de Roma, algo encontrado a luz da paisagem e luz de um limbo. Românico do Minho, compreendido no público português que Portugal não promoveu, algo transformado em perfeita perfeição. Num corredor vemos Luís Kahn, num pilar encontramos Siza, na parede assinalamos uma aula de Le Corbusier e no fundo entre a luz temos os seus escapes por onde encontramos. Mas é recordar-se do tempo em que a sua arquitetura foi seu alívio. Mas também devemos outros personagens, outras falácias, outras vicissitudes que a arquitetura também integra. Falamos com Paul Golob, de encontros e desencontros, de Thomas Lambert e da necessidade de um artista representar sempre contra o público, contra os clássicos, ou mesmo "contra os direitos humanos", e também Hedegger e Eduardo Lourenço... mas é mais acima onde nos sentamos com Gordon Matta Clark que nos fala do seu mais recente quality de liberdade.

E uma multidão que habita e apoia este edifício e daí este é o seu não natural que Eduardo Souto Moura defende e apresenta como fim para a Arquitetura, a última mas primeiro, mudista mas com sentido. Bem função mas com tempo e desenhado sobretudo para o tempo.

CIAMH Research on Innovation

NEW WAYS OF DESIGN, BUILD AND LIVING RESEARCH GROUP

geral@ciamh.up.pt
www.ciamh.up.pt

frente&verso

documentos periódicos de construção

estádio Estádio de Braga 44

Eduardo Souto Moura

CIAMH



Betão... Entre o artificial e o natural, entre Arquitetura e Natureza

Eduardo Souto Moura tem um gosto especial em trabalhar em duplo registo. Diz sentir prazer no confronto que o ato de construir oferece quando se detém sobre os pontos, quando através do lugar, do percurso, do material, do desenho, da escolha, da doção e da composição o possível funde entidades diferentes. Assim é quando o artificial se funde no natural, quando o grão do lugar se betão, quando a forma se equilibra e a Arquitetura dá, novamente, lugar à Natureza.

São questões que se complementam num equilíbrio que ao que parece de modo a que, no final - e tal como diz - a Natureza se assume, como "símbolo de formas peneiras".

O Estádio de Braga é nesta matéria a mais pura expressão desta motivação que Eduardo Souto Moura vem integrando às obras que vem construindo, onde a fundo entra matéria e material, entre natural e artificial, entre sombra e luz, entre vertical e horizontal, entre figurativo e abstrato, entre topografia e paisagem, entre aberto e fechado está sempre presente e em qualquer parte da obra que se visita. São momentos as referências, longínquas por vezes, como as de Michel Pirou que refere como memória de uma viagem ao Peru, às bancadas de Epitácio que a Grócia origina sempre nos terraços, até a autores, arquitetos contemporâneos ou mestres de uma modernidade parece que esta obra também evoca, citando, algumas vezes.

É uma arquitetura assente nas leis da construção, decorre dela, explica-se assim e constrói-se com base nos procedimentos e regras que os sistemas

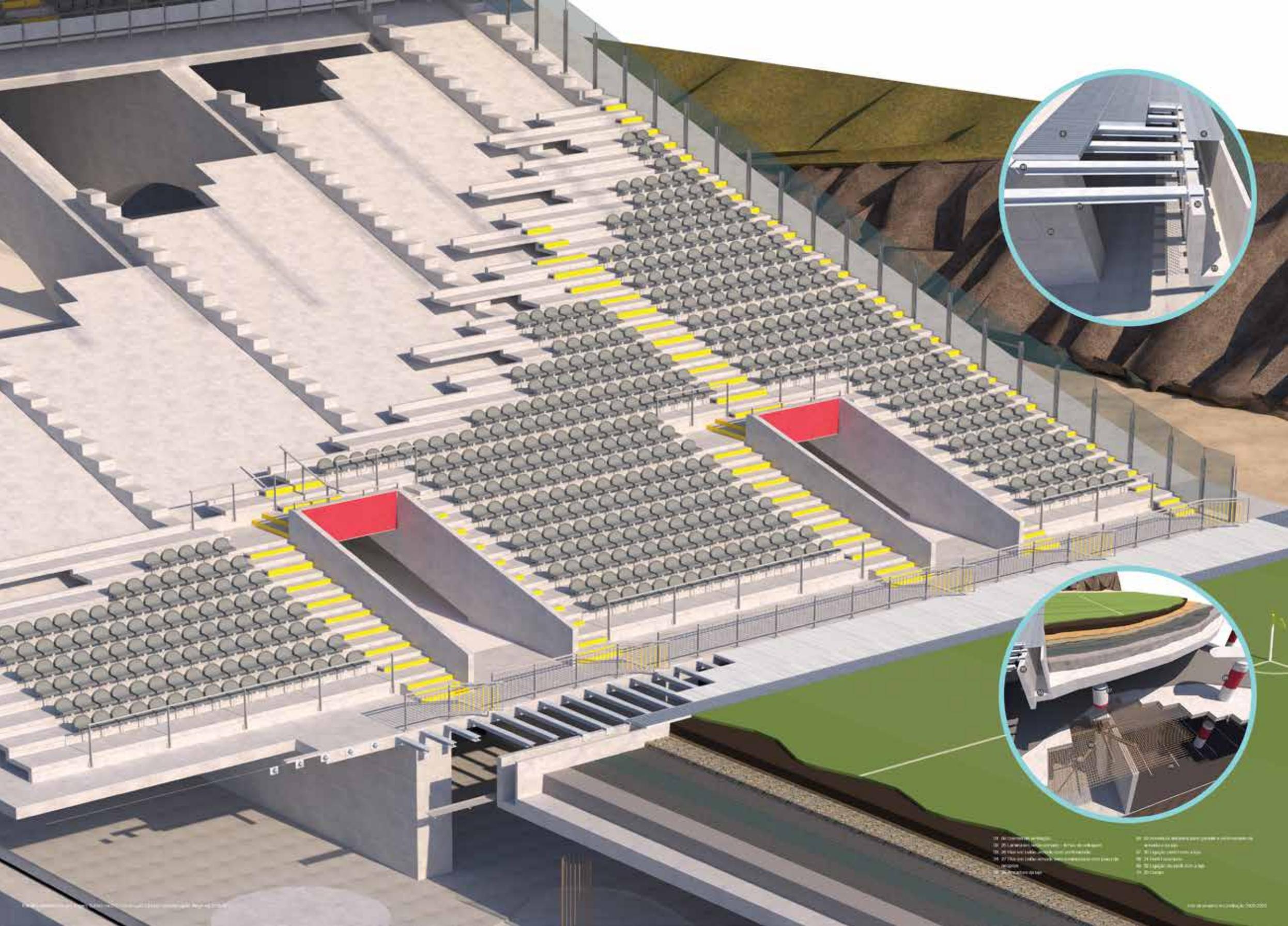


construtivos, os materiais, as suas características, físicas e químicas possibilitam. A estrutura dá a forma a esta sua arquitetura singular, tal como é singular o lugar que a recebe e o material que a define - o betão. É precisamente este material, tão duro e tão utilizado para tantas e diversificadas obras com locais, linguagens e expressões tão distintas que ESM utiliza para fazer coincidir a sua forma com a sua construção, a matéria com a sua obra de Arquitetura.

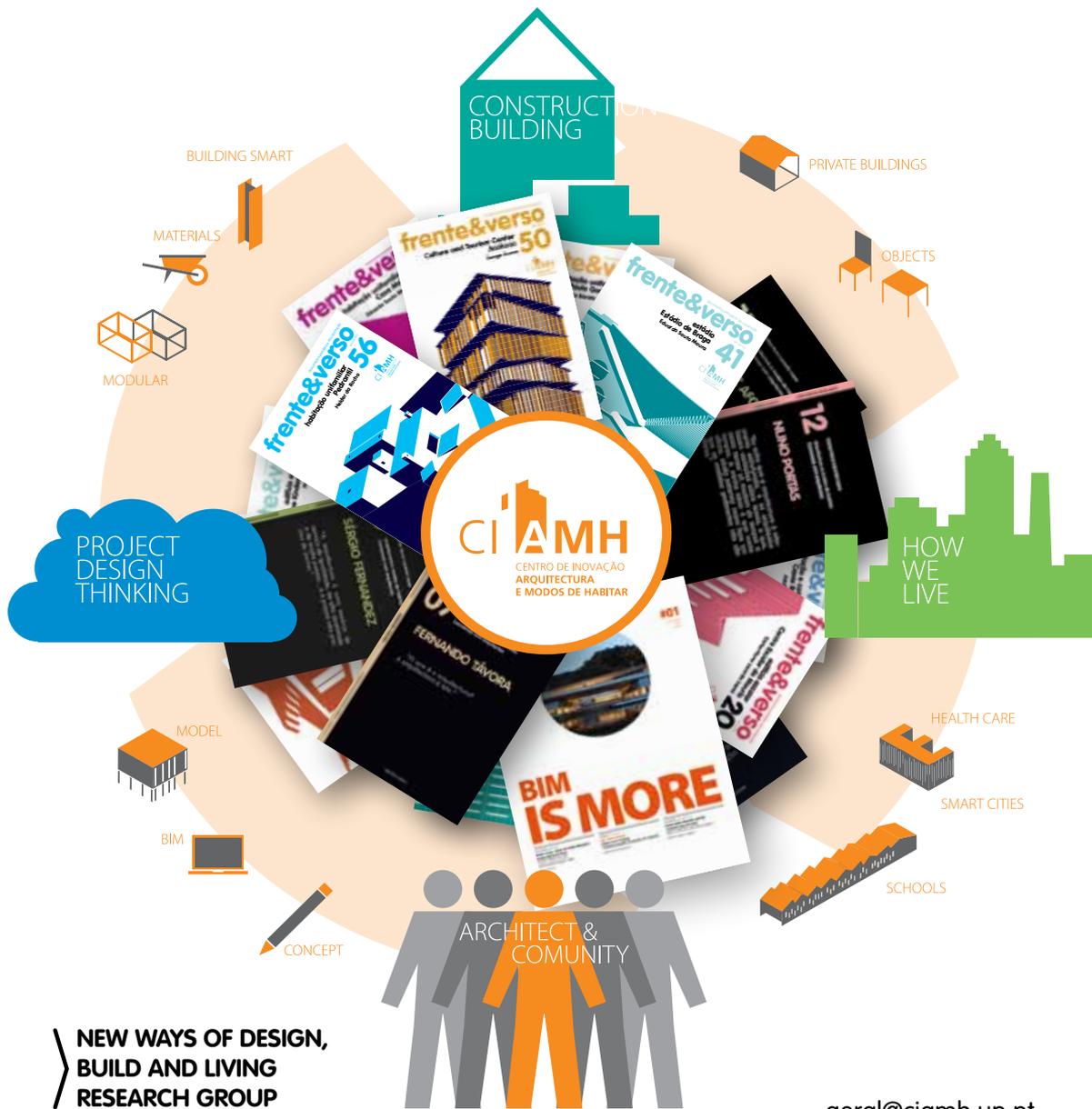
O betão que ESM utiliza é, mais que o material, uma continuidade do pensamento construtivo que o projeto solicita e a obra naturalmente domina. Por isso a sua referência e singularidade desta obra verdadeiramente arquitetónica ou seja impiedosa e resultante do conhecimento da Construção, tal como definiu Rafael Moneo em "The solitude of building".

"Muitos arquitetos hoje inventam processos e dominam técnicas de desenho sem preocupação alguma sobre a realidade do edifício. A ironia dos desenhos é evidente em muitos edifícios quando o construtor procura seguir o desenho literalmente. (...) No entanto, um desenho verdadeiramente arquitetónico deve implicar, sobretudo, o conhecimento da construção."

Para ESM projetar só faz sentido com o construído, o mesmo, poder-se-á afirmar. Melhor disse Alberto Cornejo, "o artificial é o natural no homem."



- 01. Concrete structure
- 02. Steel structure
- 03. Steel structure
- 04. Steel structure
- 05. Steel structure
- 06. Steel structure
- 07. Steel structure
- 08. Steel structure
- 09. Steel structure
- 10. Steel structure
- 11. Steel structure
- 12. Steel structure
- 13. Steel structure
- 14. Steel structure
- 15. Steel structure
- 16. Steel structure
- 17. Steel structure
- 18. Steel structure
- 19. Steel structure
- 20. Steel structure



NEW WAYS OF DESIGN,
BUILD AND LIVING
RESEARCH GROUP

geral@ciamh.up.pt
www.ciamh.up.pt

CIAMH Research on Innovation



UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE ARQUITECTURA

CENTRO DE ESTUDOS DE ARQUITECTURA E URBANISMO
CEAU

CENTRO DE INOVAÇÃO ARQUITECTURA E MODOS DE HABITAR
CIAMH

Edições CIAMH - Centro de Inovação em Arquitectura e Modos de Habitar
Via Panorâmica S/N, 4150-755 Porto PORTUGAL
www.arq.up.pt | (+351) 226 057 100
ciamh.faup@gmail.com

Coordenação Editorial Nuno Lacerda Lopes
Desenho 3D Evgeny Sukhov
Fotografia Arquivo CIAMH
Todos os direitos reservados © CIAMH e autores
ISSN 2182-8237

